

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
data 07/10/97
cod. MLD00008

Pedro Rocha
3479031

Ministerio da Justica
Fundacao Nacional do Indio - FUNAI

Relatorio de Atividades da Frente de Contato do Rio Purus e Complementacao do Projeto de Localizacao e Assistencia dos Grupos Isolados na Area de Influencia do PMACI

Convenio
FUNAI/IBAMA/SEMAM

Departamento de Indios Isolados - DII/FUNAI

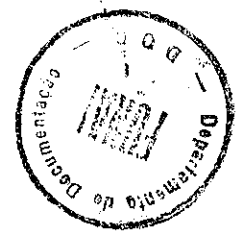
Frente de Contato do Rio Purus

Indigenista
Adolpho Kilian Kesselring Junior

Colaboracao
Almir de Oliveira

Brasilia, 08 de Agosto de 1992

LEVANTAMENTO REALIZADO PELO DEPARTAMENTO DE DOCUMENTAÇÃO - DOC/FUNAI



SUMARIO

Introducao.....	03
Objetivos.....	06
Juma Perspectivas de Sobrevivencia (proposta) Mapas (1) e (2).....	09
Levantamentos realizados na area MAIMA/MARIMA Mapas (1) e (2).....	28
Levantamentos realizados na Area do Igarape Jacareuba Grande (KATAWIXI) Mapa (1).....	39
Levantamentos realizados na Area dos Rio INACORRA e Igarape PUNAENA (KATAWIXI).....	41
Levantamentos realizados na Area do Rio TUMIA Mapa (1).....	43
Consideracoes Finais.....	45
Bibliografia.....	47
Anexos - Fotos	

LEVANTAMENTO REALIZADO PELO DEPARTAMENTO
DE DOCUMENTAÇÃO - DOC/FUNAI



INTRODUÇÃO

Apos o levantamento de depoimentos de sertanistas, religiosos, antropólogos e relatórios de frentes de Atracção, a equipe de localização de índios isolados do Rio Purus, formada por sertanistas, indigenistas, auxiliares de bordo, índios e cinegrafista num total de oito pessoas partem na embarcação KUKARAN aos 13 de dezembro de 1991, do porto de São Raimundo em Manaus, com destino ao Rio Purus. Tinham por objetivo localizar e dimensionar territórios de grupos isolados sobre os quais haviam fontes distintas de informacoes.

Durante mais de cinco meses cerca de 3000 Km de vias fluviais foram percorridas, adentrando-se paranás e igarapés onde haviam informacoes de presença de índios isolados.

A embarcação regional KUKARAN (o "velho Purus" no dizer do povo Jaminawá do alto Rio Purus) medindo 85 palmos, foi equipada com sistema de fonia, grupo gerador, motores de popa com transmissão vertical e horizontal (rabetas), botes de aluminio, enfim toda infra-estrutura que nos permitiu mobilidade e agilidade ao percorrer a região pesquisada.

Tendo sempre o KUKARAN como base para as operacoes e utilizando os botes para percorrer os cursos com menor volume d'agua foram pesquisados cinco pontos previamente determinados.

Nos igarapés Forquilhas Preta e Branca, formadores do Rio Branco, afluente da margem direita do Rio Piranha, formador juntamente com o Rio Cuniua do Rio Tapaua, tributário a margem direita do Rio Purus, observamos a presença de índios isolados em todos os caminhos percorridos

LEVANTAMENTO REALIZADO PELO INSTITUTO
DE DOCUMENTAÇÃO - COCOTUNAI

registrando em video os sinais mais significativos relativos aos Marima.

Entre o Rio Tapaua e o rio Mucuí, primeira e segunda etapas do trabalho de pesquisa para localização de índios isolados no Rio Purus, a equipe ficou reduzida a quatro pessoas. Desde então a cada localidade integravam-se momentaneamente a equipe moradores regionais além do índio Atxu Marima (Romerito) que nos acompanhou durante três meses. Questões de saúde foram preponderantes naquele momento. Como temos conhecimentos a região tem alta incidência de doenças tropicais. Segundo informações obtidas no município de Canutama, Amazonas, junto a unidade da SUCAM, durante o ano de 1991 foram realizados 4260 exames de lâminas para o Plasmodium, tendo sido confirmado 820 casos de malária, com predominância do Plasmodium Vivax.

No rio Mucuí afluente da margem esquerda do Rio Purus, foram pesquisadas duas áreas distintas: a dos Juma no rio Acua e a dos Katawixi (presumidamente) no Igarapé Jacareuba Grande.

No igarapé Joari afluente da margem esquerda do rio Acua afluente do rio Mucuí tributário do Rio Purus a margem esquerda, encontramos os Juma. Constatamos condições adversas onde o desaparecimento eminente da etnia, requer ações imediatas nos sentidos de reverter o quadro desfavorável que ali está composto. Apresentamos assim um projeto que trata especificamente da questão das "Perspectivas de Sobrevivência do Povo Juma".

No igarapé Jacareuba Grande, afluente da margem esquerda do rio Mucuí, tributário da margem esquerda do rio Purus encontramos vestígios da presença de índios isolados em todo seu curso desde a foz até o encontro de seus formadores, ponto deste que só atingimos após sete dias

navegando em pequenas canoas impulsionadas por motores de popa tendo realizado incursões de pesquisa em toda trajetoria.

No igarape Punaena afluente da margem esquerda do rio Umari tributario da margem esquerda do rio Purus registramos alem de vestigios dos caminhos de indios isolados, relatos de encontros destes com castanheiros e ribeirinhos. Sendo uma regio de castanhais, castanheiros dao conta de recentes contatos em localidades na margem esquerda do Punaena. Encontramos ali sinais que indicavam presenca de grupos de indios isolados.

A montante da sede do municipio de Labrea o rio Tumia foi percorrido desde sua foz no seringal Lusitania, atravessando a Area Indigena Apurina ate a area da FLONA SEPATINI. Os Apurina que ocupam o trecho desde o medio Tumia ate proximo as suas cabeceiras vivem em pequenos grupos que mantem contatos esporadicos com a sociedade envolvente devido ao isolamento a que foram submetidos.



OBJETIVOS

Em sua grande maioria, tanto as referencias bibliográfica quanto s do mapeamento de índios isolados são bastantes superficiais, não contribuindo para o seu conhecimento enquanto grupos específicos, nem tampouco para o entendimento dos fatores que num determinado momento historico provocaram o distanciamento que estes grupos mantem de outros índios e de segmentos da sociedade nacional.

O reconhecimento da existencia de grupos isolados e um ponto polemico. Sujeitos a questões de todas as ordens, que vão desde aspectos políticos ate interesse meramente individuais, estes grupos são visto quase sempre como entraves a programas desenvolvimentalista, públicos ou privados, que tem no controle do espaço territorial o maior ponto de disputa com índios.

Ao lado dos surtos epidêmicos, em geral decorrentes do péssimo trabalho sanitário de atendimento a índios recém-contatados, os conflitos de interesse pela posse da terra e de exploração de seus recursos naturais tem sido os principais responsáveis pelo desaparecimento de um grande numero de pessoas, e mesmo de grupos inteiros. Da mesma forma, não raro tem sido empregadas estratégias para desencadear problema de saúde nos índios, como a instalação de surtos de sarampo, coqueluche e outros males, como forma de conquistar o controle de áreas pelos grupos.

Objetivando estabelecer diretrizes especificas voltadas para os grupos isolados procuraremos intervir de maneira a preservar a integridade Etno-Cultural desses grupos.



Apos décadas de indigenismo onde a filosofia das frentes de atração esteve voltada para o estabelecimento de contatos com grupos isolados com o objetivo de atraí-los a comunhão nacional ou ao seio da religiosidade, mais recentemente este pensamento começou a sofrer alterações, passando a uma postura de não intervenção com a conotação preservacionista. Portanto este levantamento visa propor ações concretas de continuidade para garantir a sobrevivência dos grupos isolados de se encontram dentro da área de influencia do plano de proteção ao meio ambiente e comunidades indígenas - PMACI.

Apesar do numeroso material publicado a respeito dos índios, pouquíssimas são as notícias que dizem respeito aos índios isolados do médio Purus. Normalmente são veiculados pelos considerados como "selvagens" e "violentos", "índios de pés descomunais", ou outras designações, criando um sentimento do grotesco e um clima adverso na opinião pública.

Os dados de estimativas populacionais disponíveis atualmente apresentam muitas vezes números contraditórios e localizados tanto vagas como imprecisas.

Nos utilizamos dos meios eletrônicos para o registro Antropológico Visual no sentido de trabalhar com informações de maneira mais precisa e ágil, durante as jornadas de rastreamento, aos vestígios dos grupos isolados, na área do PMACI.

Os grupos ou sub-grupos, isolados, significando algo em torno de 1/3 do total de "grupos" índios do país. Localizados quase que exclusivamente na Amazônia, estes grupos são em geral formados por pequenas populações, normalmente estabelecidas em regiões de difícil acesso e, contando com poucas ou praticamente nenhuma informação.

especifica, sendo estas as razões da dificuldade de se estabelecer em um estudo preliminar o número exato de grupos ainda hoje subsistindo isoladamente. Outro fator que contribui para esta indefinição é o fato de vários grupos ocuparem indistintamente faixas de limites na Amazônia, ocorrendo indicações de sua presença tanto no lado brasileiro como além fronteiras.

O conhecimento mais detalhado deste grupo e o seu mapeamento físico "não" se pretende como um subsídio para efetivação de medidas de contato. Esta etapa do trabalho pretende lançar as bases para o reconhecimento destes grupos, de forma a prevenir o desaparecimento de alguns deles frente a atuais e futuras investidas desenvolvimentistas, e, ao contrário, garantir os seus espaços de vida.

NOTA

As ações da fase de localização corresponderam a construções de métodos de trabalhos desenvolvidos pela equipe de localização de índios isolados do Rio Purus, quando a utilização do registro áudio visual através do vídeo mostrou-se eficiente meio que nos possibilitou trabalhar informações tais como:

- * Registro de depoimentos de sertanistas, religiosos e antropólogos, sobre suas experiências com índios isolados;
- * Indicação de moradores regionais e viajantes sobre a localização de grupos desconhecidos;
- * Localização previa de grupos isolados;
- * Registro de impressões de índios que passaram pelo processo das Frentes de Atração;
- * Acervo imagético de índios durante o contato.

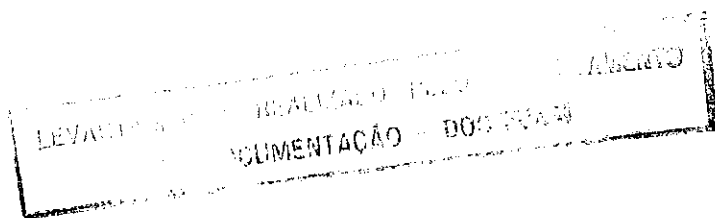
OS
JUMA
PERSPECTIVAS
DE SOBREVIVÊNCIA



LEVANTAMENTO REALIZADO PELO DEPARTAMENTO
DE ANATOMIA E ANTROPOLOGIA

SUMARIO

Dados Etnograficos.....	11
Introducao.....	12
Antecedentes Historicos e Situacao Atual.....	14
A Visita a Area.....	16
Proposta.....	18



DADOS ETNOGRÁFICOS

Grupo índio: Juma

Classificação Linguísticas: Tupi - Kawahib

População: 07 pessoas em Fev. de 1992

Localização: Igarapé Joari, afluente da margem esquerda do rio Acua, afluente da margem esquerda do rio Mucum tributário da margem esquerda do rio Purus. Município de Canutama, Estado do Amazonas

Assistência e Situação Fundiária: Nunca houve um trabalho de acompanhamento contínuo ao grupo, registra-se o recente falecimento do índio Kare por falta de assistência. O território e hoje Área Interditada se fazendo urgentes os procedimentos para Demarcação e Homologação.





INTRODUÇÃO

A amazônia brasileira é reconhecida como um grande espaço cultural, formado por inúmeros grupos índios, algum dos quais vivendo isoladamente, retirados da convivência com a sociedade dominante. Alguns são descritos apenas superficialmente, outros são esquecidos e entregues a própria sorte.

Os índios Juma se enquadram em um caso e outro.

Resultado de uma das muitas histórias de massacres, a reduzida população enfrenta por caminhos próprios as dificuldades pela sobrevivência, dentro de um contexto socio-cultural adverso.

Esta é a motivação deste projeto, que pretende se aliar aos Juma na busca de alternativas concretas, olhando-os como parte de um processo histórico reconhecidamente discriminatório, onde a diferenciação cultural tem sido negada pela tônica integracionista do desenvolvimento, acarretando, em consequência, graves seqüelas no âmbito social. No entanto, é preciso buscar a harmonia.

Alem do isolamento cultural, a região que ora ocupam é formada predominantemente por terras baixas alternadas por morrotes, constituindo um sistema ecológico formado por florestas de terra firme, igapó e várzea, bastante diferenciado do hábitat Kawahib, imemorialmente composto por relevo homogêneo e floresta de terra firme. Mas, eventualmente, estiveram protegidos das frentes de expansão da fronteira econômica, que via de regra priorizam locais de maior potencial produtivo.

Os Juma chegaram até a margem do rio Purus, onde por tempo impreciso mas certamente curto, conviveram com os

Paumari e possivelmente os Deni, havendo uma forçosa retração ao Sul, o mesmo acontecendo generalizadamente com outros grupos índios ribeirinhos, que se interiorizam fugindo das frentes pioneiras de colonização.

Na década de 70 o desenvolvimento brasileiro foi velozmente impulsionado, tendo como uma das metas a integração territorial. Através de uma série de incentivos, a Amazônia de um modo geral teve multiplicada pressão demográfica sobre a terra. A regularização fundiária não acompanhou as novas exigências cartoriais, transformando as posses tradicionais sobre a terra, com encadeamentos dominiais passados de geração a geração, num cenário de constantes conflitos. Os índios em sua maior parte eram sequer mapeados. São vários os casos de graves despovoamentos por epidemias e conflitos. Até mesmo alguns grupos índios foram extintos.

Em 1973 foi organizado um massacre armado sobre os Juma, exterminando 32 deles, o que representava 78% da população. Do processo judicial, sabe-se que o mandante do crime programou sua ação de forma a impossibilitar qualquer reação de defesa. Ainda assim, passados alguns anos, uma equipe de reconhecimento topográfico do Instituto Brasileiro de Colonização e Reforma Agrária - INCRA, inesperadamente contactou um grupo sobrevivente, composto por 9 pessoas, das quais ainda restavam 8 pessoas, quando da visita do grupo de trabalho GT 272/87 e atualmente restando 7 pessoas.



ANTECEDENTES HISTÓRICOS E SITUAÇÃO ATUAL

Os Juma estão incluídos na grande área cultural Tapajos-Madeira, segundo critério prevalente na antropologia brasileira. Juntamente com os Diahoi, Tenharim, Parintintin e Apiaka, foram o complexo etnico-linguístico Kawahib, do Tronco Tupi. A produção de material especialmente mostra que são mínimas as diferenças dialetais entre esses grupos índios, podendo ser notadas em expressões onomatopéicas e na incorporação de vocábulos e fonemas locais, permanecendo a mesma estruturação fonológica. Pode-se afirmar que o Kawahib e a língua mais próxima do tupi "clássico" registrado no litoral Atlântico, ainda nos primórdios da colonização, que em muito contribuiu na formação do Português falado no Brasil.

No plano inter-linguístico os Kawahib mantem relações ocasionais com o idioma Mura, formado pelos grupos Tora, Piraha e Mura, com o Apurina, que é falado por grupos de mesmo nome, com o Katawixi, pertencente a família Katukina, e, finalmente, com o Português.

Povo coletor e caçador por excelência, os Juma necessitam de território equilibrado ecologicamente que possibilite estas práticas produtivas. Considerando que não possuem terras totalmente regularizadas e asseguradas, nem mesmo assistência protetora, além de estarem localizados entre dois pontos regionais de desenvolvimento, Lábrea e Humaitá, ligadas pela BR-230, temos que instalar um sistema de proteção que venha minimizar os impactos causados pela presença branca.

LEVANTAMENTO REALIZADO PELO DEPARTAMENTO
DE INVESTIGAÇÃO - DOP/FUNAI



cr scimo populacional. A situa o sugere três hipóteses para o entendimento da questão: (1) o grupo encontra-se ainda traumatizado psico-socialmente em decorrência do massacre; (2) a mudança obrigatória e abrupta para um novo espaço de vida onde constantes invasoes nao permitem condicoes ideais de adaptabilidade. (3) a organiza o parental encontra-se fechada por consangüinidade, não possibilitando acasalamentos.

Sem duvida, os Juma dependem do resgate da divida que a sociedade dominante tem para com eles, e para tanto e preciso recorrer a todos recursos disponíveis no momento. Os passos seguintes certamente serão encontrados na busca de um futuro estável e perene.

LEVANTAMENTO DE DADOS PARA O DEPARTAMENTO



Grande. Vieram ao nosso encontro os sete remanescente Juma, permanecendo boa parte da manha em nosso acampamento quando trocamos presentes e fomos convidados a conhecer suas malocas. Lamentavam a morte de Kare que descreveram com detalhes, tendo sido Marimã o velho quem segundo eles, matou a onça assassina. Nesse primeiro contato levaram-nos a uma clareira onde trabalhavam na construção de uma canoa cavada no tronco de um Louro Chumbo.

No segundo encontro partimos acompanhando o grupo Juma, de nosso acampamento ate a maloca do Furo Grande. O indio ali morto Kare, havia sido enterrado sob os escombros da maloca queimada onde posteriormente construíram um Tapiri que agora os abrigava. Observamos o grande numero de aves que criavam e traziam junto consigo durante todo o tempo. Fomos logo convocados a participar dos trabalhos que realizavam no sentido de preparar alimento para a continuidade da jornada. Da casca do Tauari (madeira) fizeram uma placa sobre o qual torravam a farinha que tinha um modo de preparo distinto do regional.

A caca obtida, um caititu, foi preparada. Pudemos notar que os trabalhos realizados pelo grupo na ocasião já não eram mais possíveis sem a presença de Kare. Nas ruínas da maloca destruída pelo fogo sob o Tapiri nos abrigamos durante uma noite. Durante o preparo da farinha que duraria a noite toda, presenciemos e registramos os cantos de lamento mais uma vez falando da morte do índio atacado pela onça.

No período de uma semana percorremos os caminhos que compunham a malha de circulação entre as três malocas. Na maloca do Tapiu (IGARAPÉ TAPIU) a maior delas, de forma quadrangular em bom estado de conservação encontramos uma pista de pouso construída em meados da Década de 70 quando estiveram na área missionários do Summer Institui of

Documentação
1900
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
USP

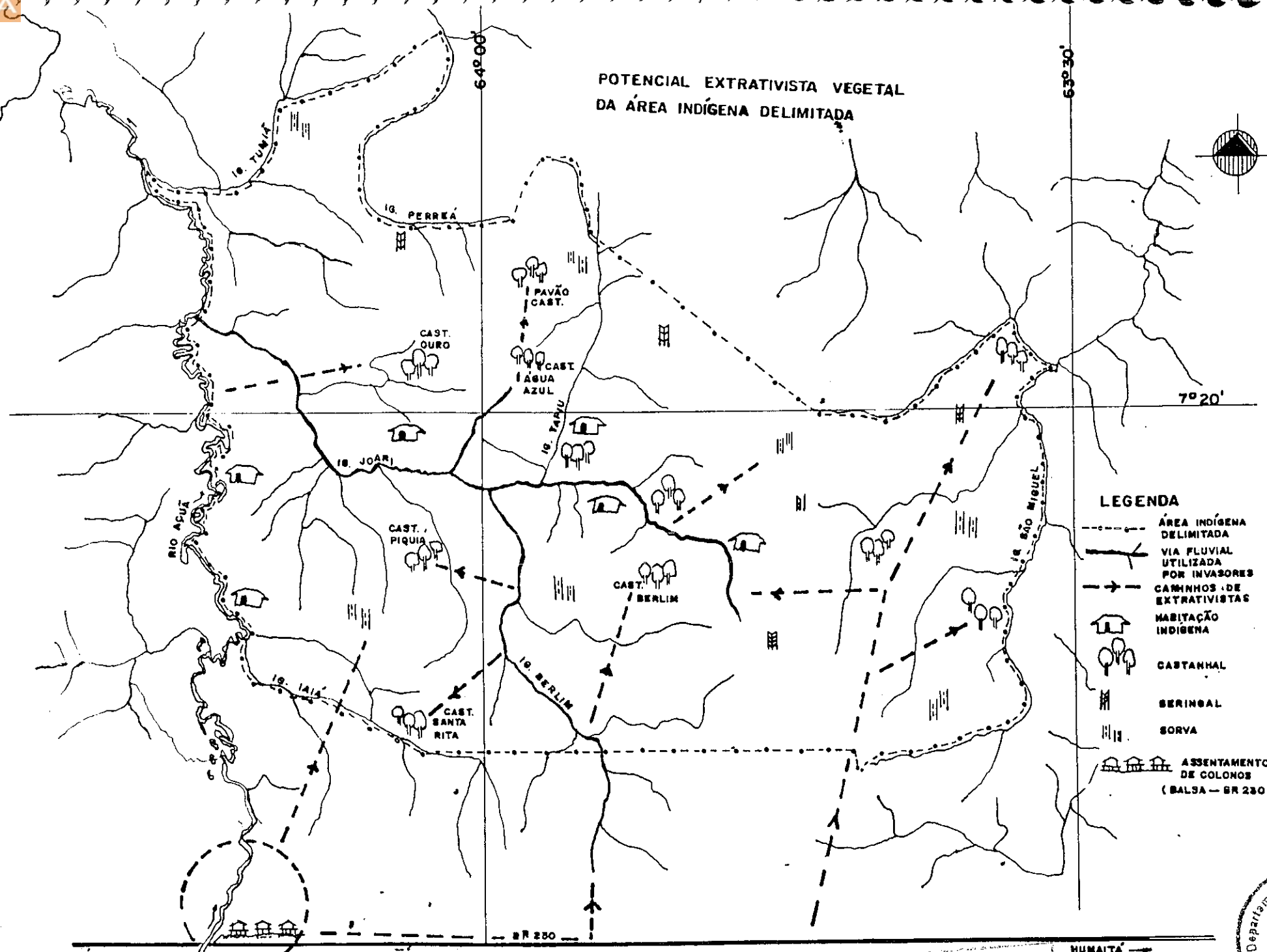
Linguistics (SIL). Arnold e Loyce que permaneceram com os Juma durante 08 anos, período este em que também ocorreu depopulação. A pista com 400 metros encontra-se em condições que permitem a sua total recuperação sem necessidade de grandes recursos. Na maloca do Jaori também em bom estado de conservação, porém com diferenças no formato da planta (elipsoidal) e detalhes construtivos, encontramos roçados semi-abandonados.

Pudemos constatar que ali encontra-se um sistema construído e articulado do qual depende a sobrevivência do grupo, que já não pode mais reproduzir a apropriação do espaço na forma ali materializada em suas malocas.

Portanto os trabalhos para garantir a manutenção e conservação desses artefatos moradias devem ser logo iniciados no sentido de garantir a "animação" do modo de vida naquele território.

LEVANTAMENTO REALIZADO PELO DEPARTAMENTO
DE DOCUMENTAÇÃO - DOC/FUNAI

POTENCIAL EXTRATIVISTA VEGETAL DA ÁREA INDÍGENA DELIMITADA



LEGENDA

- ÁREA INDÍGENA DELIMITADA
- VIA FLUVIAL UTILIZADA POR INVASORES
- CAMINHOS DE EXTRATIVISTAS
- HABITAÇÃO INDÍGENA
- CASTANHAL
- SERINGAL
- SORVA
- ASSENTAMENTO DE COLONOS (BALSA - BR 250)



PROPOSTA

As constantes incursões predatórias ocorrem principalmente por conta de levadas de castanheiras atraídas pelos "bons preços" e safras compensadoras.

Ao sul da Área Indígena Interditada, corre paralela a BR-230 facilitando o acesso aos castanhais que tem o escoamento de seus produtos além da caça e pesca através do Igarapé Joari. Ficando definidas assim vias para a degradação dos recursos ambientais vitais a manutenção do equilíbrio ecológico mantenedos e provedor da subsistência do povo Juma.

Desta forma, estamos propondo as seguintes ações que visam "imediatamente", acompanhamento e execução nas seguintes áreas:

- * Saúde
- * Ponto de apoio em área (estrutura)
- * Recuperação e manutenção das estruturas existentes
- * Acompanhamento Etno-historico-linguistico
- * Registro antropólogo visual

Detalharemos a seguir, a natureza das ações.

A — SAÚDE

Situação primordial para a existência do grupo, este trabalho contara com o planejamento de um medico/sanitarista, e assegurado a continuidade, por um atendente laboratorista da frente de contato do rio Purus, para desenvolver os trabalhos de Saúde em área.

LEVANTAMENTO REALIZADO PELO DEPARTAMENTO
DE CONTATO - DO FUNDI

São necessários os seguintes serviços e materiais:
* SERVIÇOS DE TERCEIROS (P. Jurídica)

1. Assessoria de 01 medico/sanitarista; para avaliar e propor um programa de vacinação e atendimento medico ao grupo
ValorCr\$ 35.000.000,00

2. Descolamento aéreo no trecho BSB/MAO/LABREA
04 passagens
Valor..... Cr\$ 10.000.000,00
SUBTOTAL.....Cr\$ 45.000.000,00

* MATERIAL PERMANENTE

1. Microscópio Binocular, elétrico e luz solar
Valor.....Cr\$ 20.000.000,00
2. Placa solar e bateria de 180 ampéres
Valor..... Cr\$ 6.000.000,00
SUBTOTAL.....Cr\$ 26.000.000,00

* MATERIAL DE CONSUMO

1. Material para microscopia-beckeres, pepetas, provetas, relógio, tubo de ensaio e reagentes químicos
Valor.....Cr\$ 7.000.000,00
2. Material de atendimento ambulatorial, pinças, bisturi, material de sutura, estetoscópio, termômetro
Valor.....Cr\$ 6.000.000,00
3. Medicamentos e soros antiofídicos
Valor.....Cr\$ 5.000.000,00
SUBTOTAL.....Cr\$ 18.000.000,00

TOTAL PARA O PROGRAMA DE SAÚDE

Valor.....Cr\$ 89.000.000,00

DEPARTAMENTO DE ATENDIMENTO
COMUNICAÇÃO - DCC/FUNAI

**B - PONTO DE APOIO EM AREA
(Estrutura)**

Devido a Situação que atravessa o grupo Juma, optamos por concentrarmos nossas atividades, as margens do igarapé Joari, no interior da área, distante 30 minutos de caminhada da maloca "Furo Grande", com uma forma de "não" atrai-los para fora do seu eixo de circulação entre as malocas de que dispõem.

Imediatamente iniciamos a preparação de dois hectares de terra para efetuar plantio de roçado, frutíferas, e demais vegetais necessários para alimentação dos que virão ser envolvidos com estas ações, que garantirão a sobrevivência do grupo Juma.

Este roçado encontra-se ~~no~~ esperando os meses propícios de plantio, e nesta área iniciamos a construção de uma casa em material regional (Paxiúba e palha), nas dimensões 6 metros por 3 metros, e outra que se destinara a cozinha e depósito, e uma casa de farinha. Assim permitira as acomodações de profissionais de saúde e outros que permanecerão em épocas propicias, junto com o grupo Juma, mas sem interferir diretamente em seu cotidiano.

Serão necessários os seguintes materiais:

*** MATERIAL PERMANENTE**

- 1. Gerador 03 KVA (01)
Valor.....Cr\$ 8.000.000,00
- 2. Barco 03 toneladas (01)
Valor.....Cr\$ 6.000.000,00
- 3. Motor Yammar 13 HP/reversor(01)
Valor.....Cr\$ 20.000.000,00
- 4. Radio Transceptor 03 canais(01)

Valor.....	Cr\$ 9.000.000,00
5. Placa solar e bateria 180 AMP(01)	
Valor.....	Cr\$ 6.000.000,00
6. Motor 3.5 HP gas/banacada(01)	
Valor.....	Cr\$ 5.000.000,00
7. Espingarda Cal.28 (02)	
Valor.....	Cr\$ 2.000.000,00

SUBTOTAL.....Cr\$ 56.000.000,00

* MATERIAL DE CONSUMO

1. Ferramentas agrícolas - machado, enxadas, terçados, facas, limas etc	
Valor.....	Cr\$ 6.000.000,00
2. Forno para farinha 30"(02)	
Valor.....	Cr\$ 3.000.000,00
3. Ferramentas para construção - martelo, enxó, serrote, plaina etc	
Valor.....	Cr\$ 7.000.000,00
4. Dobradiças, pregos e parafusos	
Valor.....	Cr\$ 1.000.000,00
5. Munição e material de pesca	
Valor.....	Cr\$ 2.500.000,00
6. Combustível e óleo lubrificante	
Valor.....	Cr\$ 3.000.000,00
7. Alimentação (03 serviços gerais)	
Valor.....	Cr\$ 4.500.000,00
8. Depósitos plásticos (10 de 100 lts)	
Valor.....	Cr\$ 1.000.000,00
9. Ferramentas mecânicas	
Valor.....	Cr\$ 1.500.000,00

SUBTOTAL.....Cr\$ 30.500.000,00

* SERVIÇOS PRESTADOS (P. Física)

RECEBIDO PELO DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO - DOC/FUNAI

1. 03 auxiliares de SERVIÇOS gerais por 06 meses
Valor.....Cr\$ 2.400.000,00
2. Limpeza e recuperação do campo de pouso
Valor.....Cr\$ 3.000.000,00
3. Restauração das malocas: TAPIU e JOARI; troca de palhas e esteios.
Valor.....Cr\$ 1.500.000,00
4. Construção de (01) casa de farinha
Valor.....Cr\$ 500.000,00

SUBTOTAL.....Cr\$ 7.400.000,00

TOTAL PARA O PROGRAMA DE PONTO DE APOIO EM AREA (estrutura)

Valor.....Cr\$ 93.900.000,00

C - ACOMPANHAMENTO ETNO- HISTORICO E LINGUISTICO

Com este conjunto de medidas executadas pela frentes de contato do rio Purus, certamente proporcionara o grupo Juma sobreviver de maneira menos custosa, remotarao a ocupar sazonalmente toda a área, em suas malocas tradicionais.

Neste momento, estarão mais a vontade, para remontar a sua trajetória histórica, papel fundamental para um acompanhamento etno-historico e linguistico, por profissionais das áreas. E conforme entendimentos mantidos com a entidade "Núcleo de Estudos Amazônicos" (UnB-Brasilia), organização nao-governamental dispostos a prestar assessoria especifica a questão; em consonância com os trabalhos da frente de contato do rio Purus, com possíveis deslocamentos de pequena parte do grupo, para outra região, onde haja semelhança lingüística, para uma possível

identificação e aproximação com os demais grupos do tronco lingüístico Tupi-Kawahibi.

* SERVIÇOS PRESTADOS (P.Juridica)

- 1. Assessoria de 01 etno-historiador e 01 lingüista por seis meses
Valor.....Cr\$ 30.000.000,00
- 2. Passagens areas no trecho BSB/MAO/LABREA
04 passagens
Valor.....Cr\$ 10.000.000,00

TOTAL PARA O PROGRAMA ETNO-HISTORICO
Valor.....Cr\$ 40.000.000,00

D - REGISTRO ANTROPOLÓGICO VISUAL

Com a preocupação de criar uma acervo de imagens que registrem a trajetória do grupo Juma, tendo, por objetivo de resguardar sua identidade étnica quando realizarmos uma aproximação interétnica que lhes proporcionara a possibilidade de reverter o momento de refluxo pelo qual passa sua historia. Assim estes registros poderão ser utilizados como forma de evitar maiores impactos quando nos eventuais deslocamentos, as imagens podrão ser apresentadas a outros grupos étnicos sem implicacoes na quebra do cotidiano do grupo Juma.

Com a utilização de registro em vídeo (padrão SVHS), de que dispõe a frente de contato do rio Purus, iniciamos trabalhos com a troca de informacoes entre a equipe que desenvolve trabalhos de preservação do grupo e a população envolvente na região.

A continuidade desse processo já desencadeado, tem como objetivo, além do registro documental, garantir agilidade e precisão nas futuras ações para a manutenção da sobrevivência deste grupo indígena "isolado"?

*** CUSTEIO DO REGISTRO
ANTROPOLÓGICO VISUAL**

MATERIAL DE CONSUMO

- 1. Fitas de vídeo SVHS (05 caixas) 50 unidades
Valor.....Cr\$ 5.200.000,00
- 2. Filmes fotográficos preto e branco 135mm 03 latas
Valor.....Cr\$ 2.500.000,00
- 3. Papel fotográfico 30x40 peso duplo 04 caixas
Valor.....Cr\$ 2.400.000,00
- 4. Químicos revelador e fixador
Valor.....Cr\$ 1.000.000,00

SUBTOTAL.....Cr\$ 11.100.000,00

*** SERVIÇOS PRESTADOS (P.Juridica)**

- 1. Assessoria de 01 cinegrafista/fotografo por seis meses
Valor.....Cr\$ 15.000.000,00
- 2. SERVIÇOS de laboratório fotográfico
Valor.....Cr\$ 6.000.000,00
- 3. SERVIÇOS de edição de vídeo
Valor.....Cr\$ 8.000.000,00
- 4. Deslocamento aéreo BSB/MAO/LABREA
Valor.....Cr\$ 10.000.000,00

SUBTOTAL.....Cr\$ 39.000.000,00

TOTAL DO PROGRAMA DE REGISTRO ANTROPOLÓGICO VISUAL

Total.....Cr\$ 50.100.000,00

DEMONSTRATIVO DE CUSTEIO
GERAL POR PROGRAMAS DE
ATIVIDADES

A. PROGRAMA DE SAUDE

SERVIÇOS DE TERCEIROS (P. Jurídico)
Valor.....Cr\$ 35.000.000,00
MATERIAL PERMANENTE
Valor.....Cr\$ 26.000.000,00
MATERIAL DE CONSUMO
Valor.....Cr\$ 18.000.000,00
SUBTOTAL (SAUDE).....Cr\$ 89.000.000,00

B. PONTO DE APOIO (estrutura)

MATERIAL PERMANENTE
Valor.....Cr\$ 56.000.000,00
MATERIAL DE CONSUMO
Valor.....Cr\$ 30.500.000,00
SERVIÇOS PRESTADOS (P.Fisica)
Valor.....Cr\$ 7.400.000,00
SUBTOTAL (APOIO).....Cr\$ 93.900.000,00

C. ACOMPANHAMENTO ETNO-
HISTORICO E LINGUISTICO

SERVIÇOS DE TERCEIRO (P.Juridica)
Valor.....Cr\$ 40.000.000,00
SUBTOTAL (ETNO-HISTORICO
E LINGUISTICO).....Cr\$ 40.000.000,00

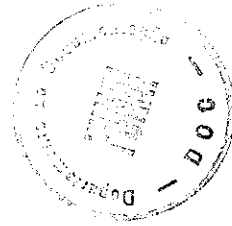
D. REGISTRO ANTROPOLÓGICO
VISUAL

MATERIAL DE CONSUMO
Valor.....Cr\$ 11.100.000,00
SERVIÇOS PRESTADOS (P.Juridica)
Valor.....Cr\$ 39.000.000,00
SUBTOTAL (REGISTRO
ANTROPOLÓGICO VISUAL)..Cr\$ 50.100.000,00

QUADRO DEMONSTRATIVO DE SIGLAS DE CUSTEIO DO "PROJETO JUMA"

I - Material Permanente
Subtotal.....Cr\$ 82.000.000,00
II - Material de Consumo
Subtotal.....Cr\$ 49.600.000,00
III - servicos Prestados (P.Fisica)
Subtotal.....Cr\$ 7.400.000,00
IV - servicos Prestados (P.Juridica)
Subtotal.....Cr\$ 114.000.000,00

CUSTEIO GERAL DA PROPOSTA DO "PROJETO JUMA"
Total Geral.....Cr\$ 244.000.000,00



LEVANTAMENTOS REALIZADOS NA AREA MAIMA/MARINA

HISTÓRICO DOS CONTATOS:

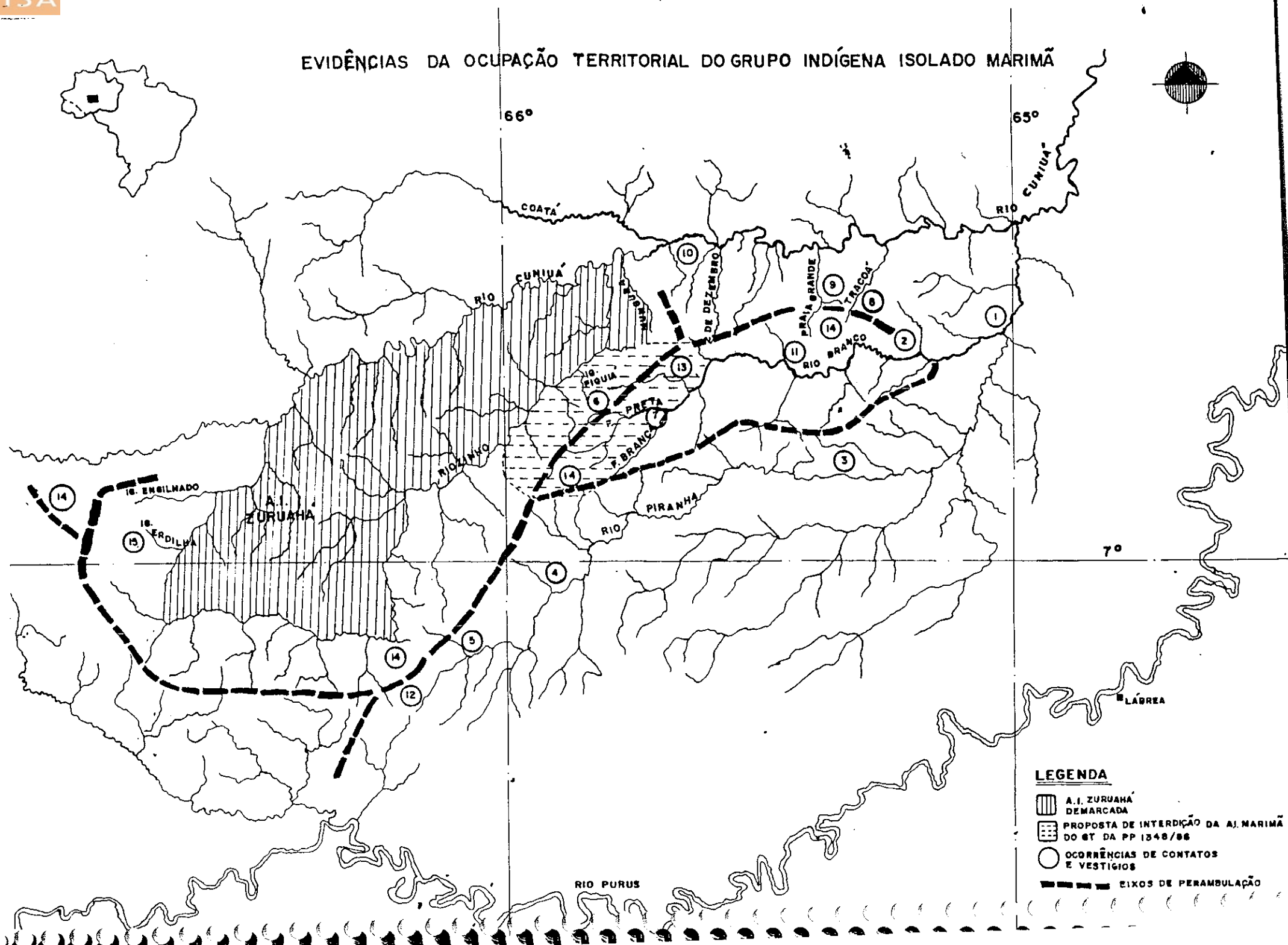
Na Década de 60, o Sr. Firmino inicio os contatos com o povo conhecido pelo regionais por MARIMã ou MAIMA. O ribeirinho nominado "Sr. Firmino", que nos idos de 1940-50, atraiu os índios Banawa-Yafi, no baixo rio Piranhas, para sua pretensa "Pacificação" e posterior "civiliza-los". "Depois de muito tempo de vida isolada, um cariú, de nome Firmino aproximou de nos e chamou a gente para trabalhar pra ele. Dava roupa e comida e a gente cuidava de plantar a roca dele e um enorme castanhal". Viemos na colocação do Firmino no rio Piranhas, onde fomos civilizados". (depoimento de Dona Diva, mulher e um ex-tuxava Ismael, do povo Banawa-Yafi, no livro "A Caminho das Malocas" ZURUANA, de Gunter Kroemer) (fig.no.01)





Este Sr. Firmino atraiu um pequeno grupo de índios isolados perto da boca do rio branco, para a lida da extrasao de sorva, porem em conflito inter-etnico com os Mamori, foram mortos e os sobreviventes refugiados no mato.

No Igarapé denominado São Joaquim, no final da Década de 60, o ribeirinho de nome Sr. Vitor e seu vizinho Sr. João Grande, filho do velho Sebastião Vitor, que por sentirem sempre roubado, quando um grupo provavelmente Maima, apropriavam-se de suas ferramentas e viveres, empreenderam buscas ao seus objetos, e encontravam uma maloca, nas cabeceiras do Igarapé S. Joaquim, margem direita do rio Piranha.

Esses ribeirinhas teriam feito fogo contra os Maima, e foi encontrado índios mortos, MA boca do Igarapé

EVIDÊNCIAS DA OCUPAÇÃO TERRITORIAL DO GRUPO INDÍGENA ISOLADO MARIMÃ



- LEGENDA**
-  A.I. ZURUAHÁ DEMARCADA
 -  PROPOSTA DE INTERDIÇÃO DA A.I. MARIMÃ DO ST DA PP 1348/86
 -  OCORRÊNCIAS DE CONTATOS E VESTÍGIOS
 -  EIXOS DE PERAMBULAÇÃO

Maria Preta, afluente do rio Piranhas, nesta mesma época. (fig.no.02).

Por volta de 1972, na colocação do ribeirão Sr. Francisco Neves, foi visitada por um grupo de índios isolados as margens do rio Piranhas, contato amistoso, com troca de presentes, e retribuído pelos índios com feixe de cana, naniva etc. Nas mãos se tem registro de contatos neste local. (fig.no.03)

No verão de 75, o Sorveiro Sr. Bernardo Cunha Reis, filho da extensa família deixada pelo "pacificador" Firmino, quando ocupava-se na extração deste látex, no alto rio Piranha, foi visitado em sua colocação, por um grupo de aproximadamente 15 índios, com as características do povo Maima, permaneceram em sua colocação por dois dias, quando se foram e não mais mantiveram contato nesta localidade. (fig.no.04)

Em 1978, o Conselho Indígena Missionário (CIMI/LABREA) afirma que iniciou trabalhos com grupos indígenas da região do rio Cumina e Tapaua, levando o projeto de "contato" dos índios do Coxodoa e segundo o mesmo, trabalho de vigilância sobre um grupo de índios isolados do rio Branco, afluente do Piranhas.

Em 1980, um grupo de sorveiros foram surpreendidos, no alto rio Piranha, por um grupo de índios isolados, que descreveram sendo índios de narinas perfuradas, portando um feixe de pauzinho. (fig.no.05)

Em 04 de Agosto de 1983, a Delegacia Regional do Amazonas/FUNAI, informa sobre uma expedição do órgão, na finalidade de fazer "contato" com os índios isolados do rio Coxodoa, e no relatório da expedição faz menção a índios

isolados da área do rio branco, referiu ao grupo como sendo índios isolados "MAIMA".

Em 1984, novamente surpreendo um grupo de sorveiros no Igarapé Piquia, afluente do rio Cumina, descrição do índio semelhante a anterior, mais uma vez a evidencia da ocupação do grupo isolado Maima. (fig.no.06)

Entre os anos de 1984 a 86, a equipe do Cimi, da pretazia da Labrea, efetuaram 02 sobrevôos, a área das cabeceiras do rio Branco, porem não encontravam vestígios, e em posterior entrada no rio Branco ate o bifurcamento do mesmo, denominado forquilha, foram informados por Sorveiros que tinham avistado Tapiris a caminho dos índios isolados. (fig.no.07)

Os Sorveiros Tome Manduca de Souza e Raimundo Barbosa dos Santos, em 86 mostraram ao indigenista do Cimi Sr.Guinter Kroemer, uma cabeça humana, que foi cozida e moqueada e deixada numa panela de alumínio, coberta de folhas, isto se deu nas margens do Igarapé Tracoa, afluente do rio Cunhua, atribuindo a resultado de confronto entre índios isolados e sorveiros. (fig.no.08)

Através do GT PP/1348/86, apos levantamento este grupo cria a proposta de interdição da área indígena Maima.

Ainda em 86, sorveiros e extratores de capaiba, encontraram Tapiris e muquens de índios isolados, dentro do Igarapé abafado, afluente do rio Cunhua e são repelidos pelos índios, que colocavam estrepes nos caminhos dos invasores. (fig.no.09)

Em julho de 1986, provavelmente devido conflitos inter-grupal, dez índios empreenderam uma desesperada fuga, para se livrarem do assedio de uma facção de isolados, este

grupo composto de homens, mulheres e crianças, em pânico, pediram abrigo na colocação do Sr. João Ozier, na localidade denominada Ilha de Malta, próximo a foz do riozinho com o rio Cuniua. Devido ao contato, sucumbiram por gripe os adultos, um rapaz foi pego por uma onça, e as entidades que mantiveram contatos com os índios naquele momento, omitiram-se devido a diferenças de ordem prática, e que com o súbito desaparecimento dos índios adultos, estas entidades (CIMI e JOCUM) trocaram acusações de omissão, e acusaram os ribeirinhos de uma possível chacina ocorrida contra o grupo de índios isolados, que se aproximou dos mesmos. (Fig.no.10)

Em setembro de 87, na colocação "Cachorro", no rio Branco, afluente do rio Piranhas, o sorveiro Waldo Pereira, quando em sua lida extrativista, teve seu Tapri visitado por um grupo de índios isolados, que levaram sua provisão de farinha, derramaram sua pólvora, levaram seu machado, o mesmo tentou reaver seus pertences, adentrando a mata, através dos vestígios, em determinado local deparou-se com três índios, e ambos empreenderam fuga, cada qual no sentido oposto, e resolveu se retirar da área. (fig.no.11)

Em Novembro de 1987, informação Nº.036/DFU/50.FVER/FUNAI, relata que "Márcia Alves dos Santos, lingüista da Missão Jocim, com um grupo de missionários encontram-se em aveia na tentativa de contatar o grupo MAIMA, percorrendo os afluentes do Cuniua e Piranha."

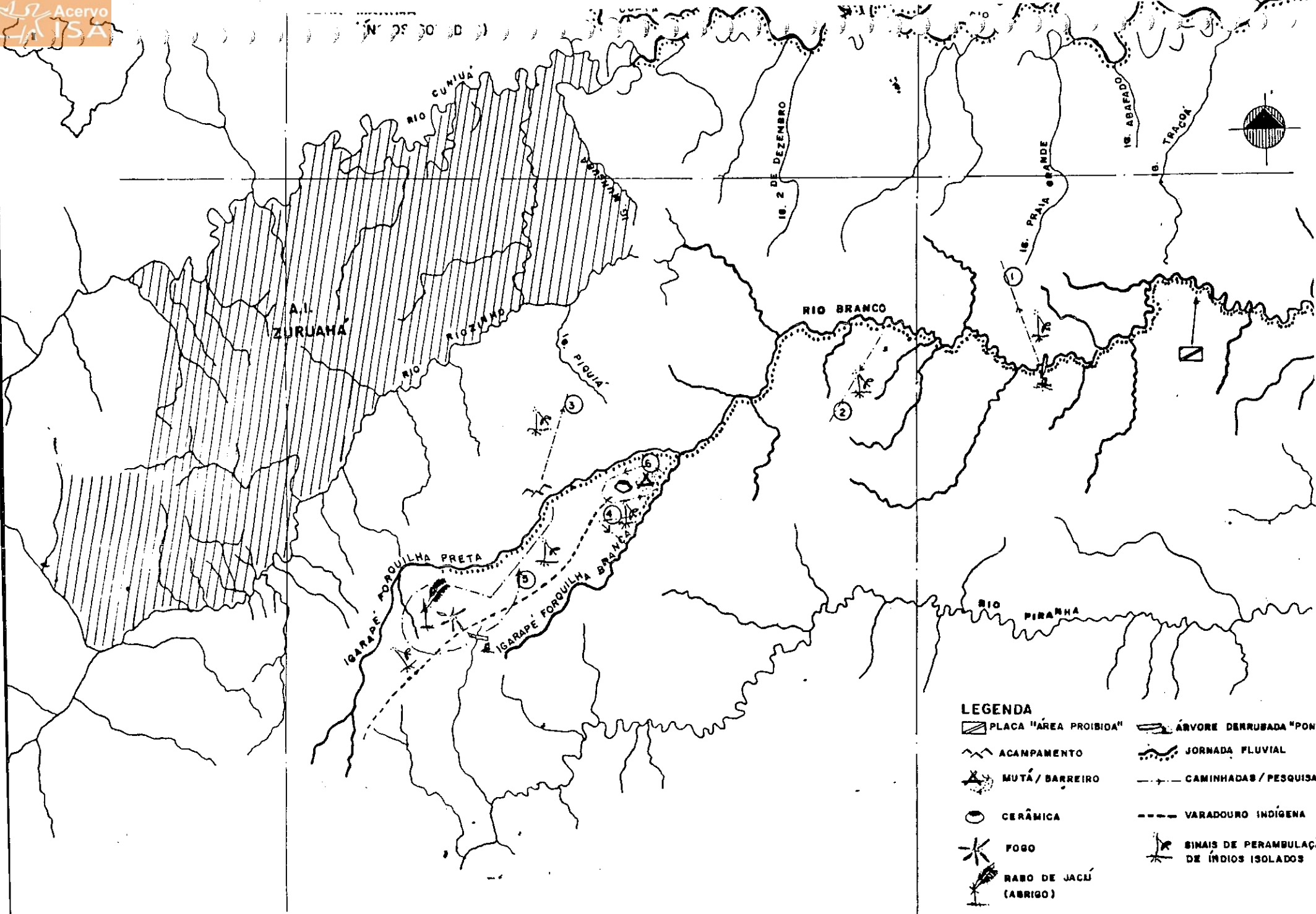
Em 88/89, um grupo de missionários denominado "Jovens Com Uma Missão" - JOCUM - empreenderam uma viagem até o alto rio Piranhas, acompanhado do mateiro Marcelino, filho do "pacificador" Sr. Firmino, e segundo Marcelino, deixaram brindes, como terciados, facas, pentes etc, em um Tapiri, e não mais retornaram ao local. Sobre a atuação destes missionários, o Sr. Gunter Kroemer, do

Conselho Indigenista Missionário, da prelazia de Labrea, comenta sobre a atuação dos mesmos, em seu livro denominado "A Caminho Das Malocas Zuruaha", pag.63, "A Missão JOCUAM (Jovens Com Uma Missão) mandou três missionários crentes para iniciar um trabalho de evangelização alheios a qualquer tipo de indigenismo razoável, manobram apenas "confiando em Deus", desprezando até o mínimo de uma infraestrutura, exigida para um trabalho indigenista com índios sem relação com brancos". (fig.no.12)












No verão de 1990, o sorveiro Antonio Marinho, durante os trabalhos de extração da látex, deparou-se com quatro ou mais índios isolados, na região do Igarapé forquilha preta, área interditada para o grupo MAIMA, os mesmos empreenderam fuga adentrando a mata. Segundo o sorveiro não houve qualquer incidente. (fig.no.13)

ATXV MAIMA - sobrevivente do grupo que procurava contato no ano de 86, e hoje vive com uma família de ribeirinho e posteriormente participou nos trabalhos de localização das áreas Juma, Katawaxi e Apurinã, e recorda de malocas de seu grupo nas cabeceiras do rio Piranha, Curiua e Forquilha Preta e Tracoa. (fig.no.14).

Durante o mês de Abril de 1992, em perambulação pela área Zuruaha, foi localizado Tapiris e objetos da cultura material, do grupo Maima, que deixou apreensivos os índios Zuruaha, quando encontraram a presença dos isolados, na localidade do Igarapé da Erdilha. (fig.no.15)



LEGENDA

- | | |
|---|---|
|  PLACA "ÁREA PROIBIDA" |  ÁRVORE DERRUBADA "PON" |
|  ACAMPAMENTO |  JORNADA FLUVIAL |
|  MUTÁ / BARREIRO |  CAMINHADAS / PESQUISA |
|  CERÂMICA |  VARADOURO INDÍGENA |
|  FOGO |  SINAIS DE PERAMBULAÇÃO DE ÍNDIOS ISOLADOS |
|  RAMO DE JACU (ABRIGO) | |



LEVANTAMENTOS DA FRENTE DE CONTATO NA ÁREA MAIMA

Avaliação o conjunto de informações disponíveis, a equipe da frente de contato do rio Purus, optou por concentrarmos os levantamentos na área específica do rio Branco, afluente do rio Piranhas, uma que havia informações recentes de evidências da presença, de grupo isolado perambulando por aquela região.

Assim iniciamos os levantamentos no rio Branco, com uma equipe de sete pessoas, composta de dois sorveiros que exploravam esta região, cinegrafista, e demais tripulação, que durante vinte dias percorremos via fluvial o rio Branco, até onde se bifurca, tomando a denominação de Igarapé Furquilha Preta e furquilha Branca (ver mapa da trajetória da equipe na área Marimã). Neste região iniciamos caminhadas, sempre perpendiculares, ao Igarapé.

Durante estes levantamentos na região compreendida pela bifurcação do rio Branco, nos deparamos com paradouros feitos pelos missionários da "Jocum", e Tapiris que abrigavam-se no verso anterior, quando na tentativa de localizar o grupo isolado.

Mesmo assim, e sempre notado vestígios dos índios isolados, encontramos próximo a um barreiro de animais (local onde há o afloramento de cloreto(sal)), mutas de espera, sendo em forma triangular, amarrado com cipo titica, a cinco metros de altura, nas árvores, ao lado do barreiro.

Matos dobrados, como forma de sinalizar seu caminho, para nossa surpresa, nos deparamos com uma vasilha de cerâmica quebrada; tudo nos levou a perceber que este

LEVANTAMENTO REALIZADO PELO DEPARTAMENTO
DE DOCUMENTAÇÃO - DOC/FUNAI

local de caca dos isolados, e usado regularmente, em suas perambulacoes.

Tomamos rumo a nascente do Igarapé furquilha preta, ate a ultima "colocaçãõ" usada pelos sorveiros que nos acompanhava, a um dia de caminhada do nosso acampamento feito da bifurcaçãõ do rio Branco.

Os vestígios se tornaraõ mais presentes, notamos diversos varadouros do grupo isolado, agora no divisor de águas entre o Igarapé furquilha preta e branca, sendo que nesta área não foi usado por extrativista, todos os vestígios encontrados dali pra frente, eram seguramente do grupo de índios isolados.

Arvore cortada, por um machado sem estar amolado, proprio de quem não tem pratica com esta ferramenta, arvore esta que foi derrubada para servir como ponte para transpor o Igarapé, agora os varadouros ou caminhos se tornaram mais largos e limpos, abrigos de palha da palmeira "bacaba", resto de fogo, e cestos tecidos de olho de palmeira "Jarina", usado provavelmente para carregar peixes; os vestígios e varadouros convergem sempre rumo a nascente do Igarapé.

Assim decidimos não mais adentramos o seu território, pois com tais evidencias, ficou confirmado a presença nesta área, de perambulaçãõ de índios isolados, e para não coloca-los em situaçãõ de sobressalto, começamos a nos retirar da regiãõ.

Como forma de aviso, para a não entrada de pessoas, na área, afixamos placas no médio curso do rio Branco, informamos os moradores da foz do rio, e os demais que habitam proxima a área.

CONCLUSÕES DOS LEVANTAMENTOS DA ÁREA MARIMÃ

Feito o trabalho inicial de constatação da presença na área de grupo indígena isolado, e locado no mapa da região, todas as informações prestada por habitantes, fica evidenciada a área de perambulação deste grupo (ver mapa das evidências da ocupação territorial do grupo MARIMÃ).

Compreendida praticamente da foz do rio Piranhas, o rio Cuniuá, sempre preferindo as terras mais elevadas de divisões d'água, até sua cabeceira do rio Piranha, estendendo-se até as nascentes do rio Cuniuá.

Assim foi montado a extensa faixa de perambulação deste grupo, que por opção, mantém este isolamento como uma forma de sobrevivência.

Agora com tempo, se faz necessário maiores levantamentos aos demais pontos do eixo de perambulação com a finalidade única de preservarmos o grupo marimã, e acertamos a área de maior necessidade para o grupo.

TRANSCRIÇÃO FONOLÓGICA DO
IDIOMA MARIMÃ - - -
(INFORMANTE ATXU MARIMÃ)

1. [] Sol
2. [] Lua
3. [] Estrela
4. [] Água
5. [] Canoa
6. [] Fogo
7. [] Panela
8. [] Flexa
9. [] Zarabatana
10. [] Faca
11. [] Machado
12. [] Criança pequena
13. [] Menino
14. [] Irmão
15. [] Andar
16. [] Buscar Água
17. [] Correr
18. [] Vamos la e Vem ca
19. [] Vai comer
20. [] Vai la
21. [] Olho
22. [] Nariz
23. [] Cabelo
24. [] Onça
25. [] Gato
26. [] Gato Maracajá
27. [] Matar Onça
28. [] Pau
29. [] Pataua
30. [] Bacaba
31. [] Aqui
32. [] Farinha
33. [] Buriti

LEVANTAMENTO REALIZADO PELO DEPARTAMENTO
DE DOCUMENTAÇÃO - DOC/FUNAI

- 34. [] Banana
- 35. [] Batata
- 36. [] Cupuaçu
- 37. [] Chora
- 38. [] Queixada
- 39. [] Caititu
- 40. [] Matar porco
- 41. [] Nome peixe
- 42. [] Paca
- 43. [] Cutia
- 44. [] Anta
- 45. [] Veado
- 46. [] Matar veado
- 47. [] Guariba
- 48. [] Barrigudo
- 49. [] Macaco prego
- 50. [] Macaco preto
- 51. [] Macaco parauacu
- 52. [] Boto
- 53. [] Tamanduá
- 54. [] Quatipuru
- 55. [] Arraia
- 56. [] Arraia grande
- 57. [] Genérico para peixe
- 58. [] Tucunare
- 59. [] Calango
- 60. [] Sapo
- 61. [] Surucucu
- 62. [] Sucuriju
- 63. [] Jibóia
- 64. [] Jacaré acu
- 65. [] Piranha
- 66. [] Jacaré
- 67. [] Aruanã
- 68. [] Matrinxã
- 69. [] Pacu

- 70. [] Pacu burro
- 71. [] Jabuti
- 72. [] Nambu
- 73. [] Nambu do dia
- 74. [] Jacu
- 75. [] Mutum
- 76. [] Tucano
- 77. [] Arara
- 78. [] Gavião
- 79. [] Galinha
- 80. [] Boi
- 81. [] Sorveiro
- 82. [] Castanheira
- 83. [] Embaúba
- 84. [] Samaúba
- 85. [] Nome bicho
- 86. [] Beber
- 87. [] Nos
- 88. [] Piquia
- 89. [] Assoviar
- 90. [] Dardo
- 91. [] Planta comestível
- 92. [] Fruta nativa
- 93. [] Vem ca
- 94. [] Buriti
- 95. [] Buritirana
- 96. [] Veado
- 97. [] de Noite
- 98. [] de Dia
- 99. [] Vai dormir
- 100. [] Acordar
- 101. [] Esta dormindo
- 102. [] Tatu
- 103. [] Uixi
- 104. [] Ir atras de alguém - procura
- 105. [] Coco

LEVANTAMENTOS REALIZADOS NA
ÁREA DO IGARAPÉ JACAREÚBA
GRANDE (KATAWIXI)

Tomando conhecimento de informações sobre a presença de índios isolados no rio Inacorra e no IGARAPÉ JACAREÚBA Grande, optamos pelo reconhecimento da região em que suponhamos estar os limites da ÁREA de perambulação dos isolados que nas cabeceiras do rio Inacorra.

Nos deslocamos subindo o Rio Mucuím afluente da margem esquerda do rio Purus, até a foz do Jacareúba, localidade situada acima do cruzamento entre o rio Mucuím e a BR 230 que liga Labrea a Humaitá no Estado do Amazonas. Castanheiros moradores do Mucuím próximos ao igarapé Jacareúba nos relatavam que no verão de 1990 ocorreu encontro pacífico entre homens de seu grupo e um índio que logo se embrenhou na mata. Trabalhadores da região dão notícias de vestígios de perambulação por todo o curso do igarapé.

A jornada empreendida foi longa e custosa tendo sido minuciosas as investigações realizadas a cada acampamento. Durante vinte dias percorremos a região subindo o igarapé Jacareúba Grande realizando incursões que partiram de 05 acampamentos bases para reconhecimento e pesquisa da Área.

Constatamos em todos os pontos pesquisados sinais indicativos de caminhos utilizados por índios isolados em suas perambulações pela Área. As evidências que davam testemunhas definitivo sobre a presença de índios isolados foram encontrados próximo a foz. Trata-se de um conjunto de quatro "bolos" feitos com um concentrado de tubérculos

silvestres envolvidos em terra, utilizados para alimentação em jornada de longa duração por índios isolados.

Com as evidências constatadas realizamos trabalhos de informação e conscientização junto aos moradores locais. Afixamos placas que indicavam a presença de índios isolados no Igarapé Jacareúba Grande, como forma de preservar a Área possibilitando a recuperação ambiental necessária a manutenção do grupo que ali busca sazonalmente recursos para sua sobrevivência.

Mesmo com as informações avaliadas na Área (vide mapa das evidências da presença de índios isolados no Igarapé Jacareúba Grande, no Rio Inacorra e Igarapé Punaena, não nos foi possível identificar a etnia em questão, que pressupõe ser os Katawixi ocupantes imemoriais da região. Para uma identificação precisa faz-se necessário a continuidade dos trabalhos estabelecendo pontos de apoio que permitam uma permanência prolongada na área.

LEVANTAMENTO REALIZADO NO IGARAPÉ PUNAENA (KATAWIXI)

Segundo moradores das margens do rio Umari, dão notícias da existência de um grupo de índios, vivendo na foz do rio Punaena, até que acontecer atritos entre este índios e seringueiro da margem do Umari, houve morte de dois índios, após afastarem das proximidades, retornavam dois anos mais tarde, e mataram o seringueiro, adentrando a região sem mais serem notados na região da foz do Umari, isto remonta os anos 50% a 60%. índios Apurinã, moradores do rio Paciá, hoje desaldeado, e vivendo ao longo do rio Purus, relata que diversas vezes notaram a presença de um grupo "autônomo", que perambulavam pela área do rio Umari, de cabelos longos, mas sempre em contatos esporádicos e pacíficos, porém sempre se esquivaram de contato, afastavam-se para o interior do curso do rio Punaena.

Castanheiros e moradores do médio curso do rio Punaena, como os da "colocação" do Sr. Pedro Alencar, durante o verão de 85, foi colocado tapagens em sua estrada do castanhal, e nos anos seguintes percebem maiores números de vestígios de índios.

Em 85, na colocação do castanheiro "doto Galvão", levaram dois cachorros, e foram seguidos pelos castanheiros, até a região do divisor de águas com o rio Jacareúba, área de campos naturais.

O castanheiro João Duca, trabalhando no castanhal do igarapé Bom Jesus, no ano de 87, quando navegava pelo Igarapé, deparou-se com dois índios, que descreveu sendo de cabelos longos, de arco e despidos, não demonstraram qualquer espanto, mas não houve aproximação e adentraram a mata, com a chegada do castanheiro, no ano seguinte sua

"colocação" foi visitada, e levaram um trado e machado, sendo colocados de volta no mesmo local em que haviam sido retirados, no verão seguinte.

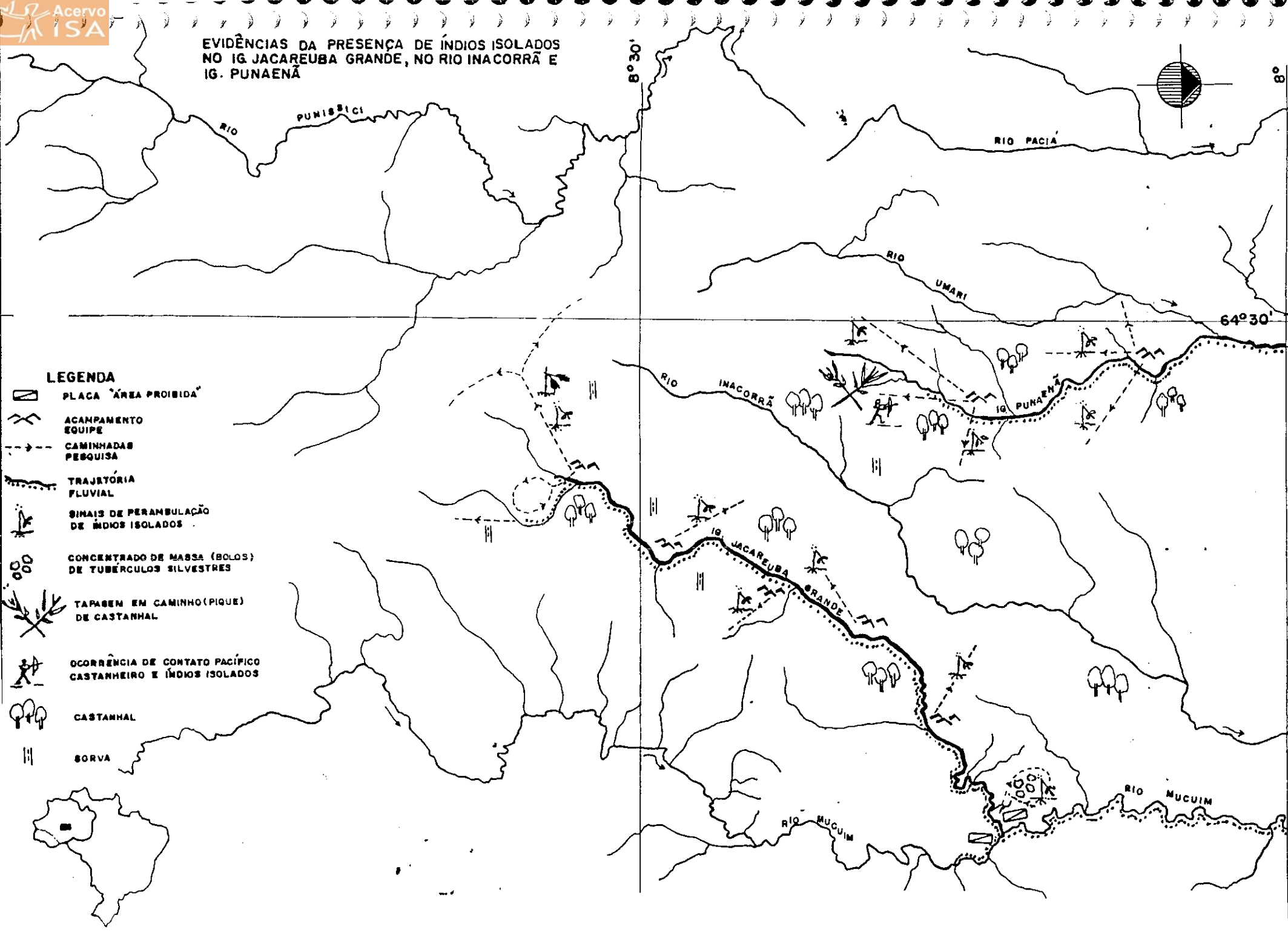
Como forma de cobrir a área de perambulação dos isolados do rio Inacorra. Adentramos o rio Umari afluente da margem esquerda do rio Purus, até encontramos em sua margem esquerda seu afluente o igarapé Punaena onde havia notícias de recente encontro entre castanheiros e índios isolados.

A região das cabeceiras do igarapé Jacareúba Grande, do rio Inacorra, do rio Umari, e do igarapé Punaena constituem uma área de terras altas por onde perambula este grupo isolado que supomos serem os Katawixi pelas descrições feitas por informantes regionais.

Visitamos vários castanhais onde observamos sinais que indicavam a perambulação de grupos isolados. Na colocação denominada Bom Jesus constatamos presença recente de isolados nos deparando com caminhos que foram tapados com folhas de palmeira.

Devido ao intenso movimento de castanheiros na região a presença da Funai é essencial para garantir a proteção e identificação do grupo de isolados que tem se submetido a contatos cada vez mais constantes.

EVIDÊNCIAS DA PRESENÇA DE ÍNDIOS ISOLADOS
NO IG JACAREUBA GRANDE, NO RIO INACORRÁ E
IG. PUNAENÁ



LEVANTAMENTOS REALIZADOS NA ÁREA INDÍGENA TUMIA

Com a equipe da frente de Contato do Rio Purus formada por quatro pessoas, chegamos ao Seringal Lusitania a margem esquerda do Purus próximo ao município de Pauini no Estado do Amazonas em meados de maio de 1992. Havia notícias da presença de índios isolados nas cabeceiras do Tumia.

Adentramos o Tumia em pequenos barcos, sua foz estava fechada por jangadas de madeira em toras preparadas para serem transportadas as serrarias mais próximas. Em todas as colocações visitadas observamos relação de parentesco com os Apurinã, a sobrevivência depende do cultivo da mandioca, extrativismo da seringa e castanha, sendo a presença de madeireiros registrada recentemente.

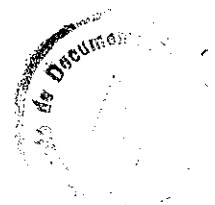
Apesar do reconhecimento dentre os moradores do Rio Tumia dos limites das terras indígenas, encontramos além de sinais da presença recente do Branco em várias colocações abandonadas, a presença de invasores que realizam comércio de bebidas alcoólicas causando não raramente desentendimentos entre os índios.

Os Apurinã tem sua organização social e política desenvolvida através de pequenos grupos familiares distribuídos em colocações ao longo do médio trecho do Rio Tumia. Visitamos todas as famílias que ali vivem com exceção do grupo liderado por Edmilson Apurinã 2 (vide mapa) sobre quem pesavam denúncias de ter causado desentendimento que resultaram em mortes. Desde a Aldeia Barro Vermelho (1 mapa) onde Cassimiro Antonio Apurinã e o líder passando pela Aldeia do Velho Nogueira Apurinã (3) até a Aldeia do líder Alfredo (4) pudemos observar uma diferença considerável dos padrões de subsistências que decrescem a medida que cada

grupo familiar tinha menor acesso aos insumos introduzidos pelos nao-indios. Assim encontramos desde o grupo motor gerador instalado ate a ausência de roçados e a busca de abrigo na mata. As famílias num processo de retraimento e falta de assistência, em diversas oportunidade assumem formas de sobrevivência que por vezes os leva a serem confundidos com grupos isolados.

Ultrapassando os limites da A.I. Tumia e alcançando a área da FLONA SEPATINI o que constatamos foi novamente a ocupação indevida da região por exploradores da condição de isolamento a que esta submetida o rio Tumia.

Constatamos a necessidade de desenvolver acoes para recuperação dos recursos ambientais desgastados pela intensa atividade extrativista e invasão da área durante anos. Para tornar possível tais acoes se faz necessária a presença efetiva da instalação governamental FUNAI, no sentido de consolidar os trabalhos de conscientização e desocupação por parte dos invasores que iniciamos quando da visita da frente de contato na área.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na Amazônia os grandes projetos produzem impactos ambientais nem sempre acompanhados de ações mitigadoras. No caso da construção da BR 364 já na etapa de pavimentação asfáltica, apesar da defasagem na execução das ações previstas, os efeitos sobre o meio ambiente poderão ser melhor estudados e avaliados oferecendo condições para que sejam revestidas situações onde os processos de desenvolvimento contribuem de forma decisiva para a diminuição dos recursos naturais disponíveis.

Observamos em todas comunidades que as estratégias de sobrevivência articuladas a partir da resistência cultural têm garantido a manutenção de grupos humanos submetidos a condições cada vez mais adversas.

A localização de grupos indígenas isolados no médio rio Purus coloca a possibilidade de planejar ações que visem a proteção ambiental como forma de resguardar a diversidade étnica ainda existente na região.

O vídeo intitulado "Índios Isolados do Rio Purus", produzidos pela frente de contato do rio Purus durante a fase de levantamentos e estudos preliminares, apresenta de forma sinóptica os trabalhos desenvolvidos, evidenciando testemunhas de comunidades atualmente enfrentando condições bastantes desfavoráveis a sua manutenção.

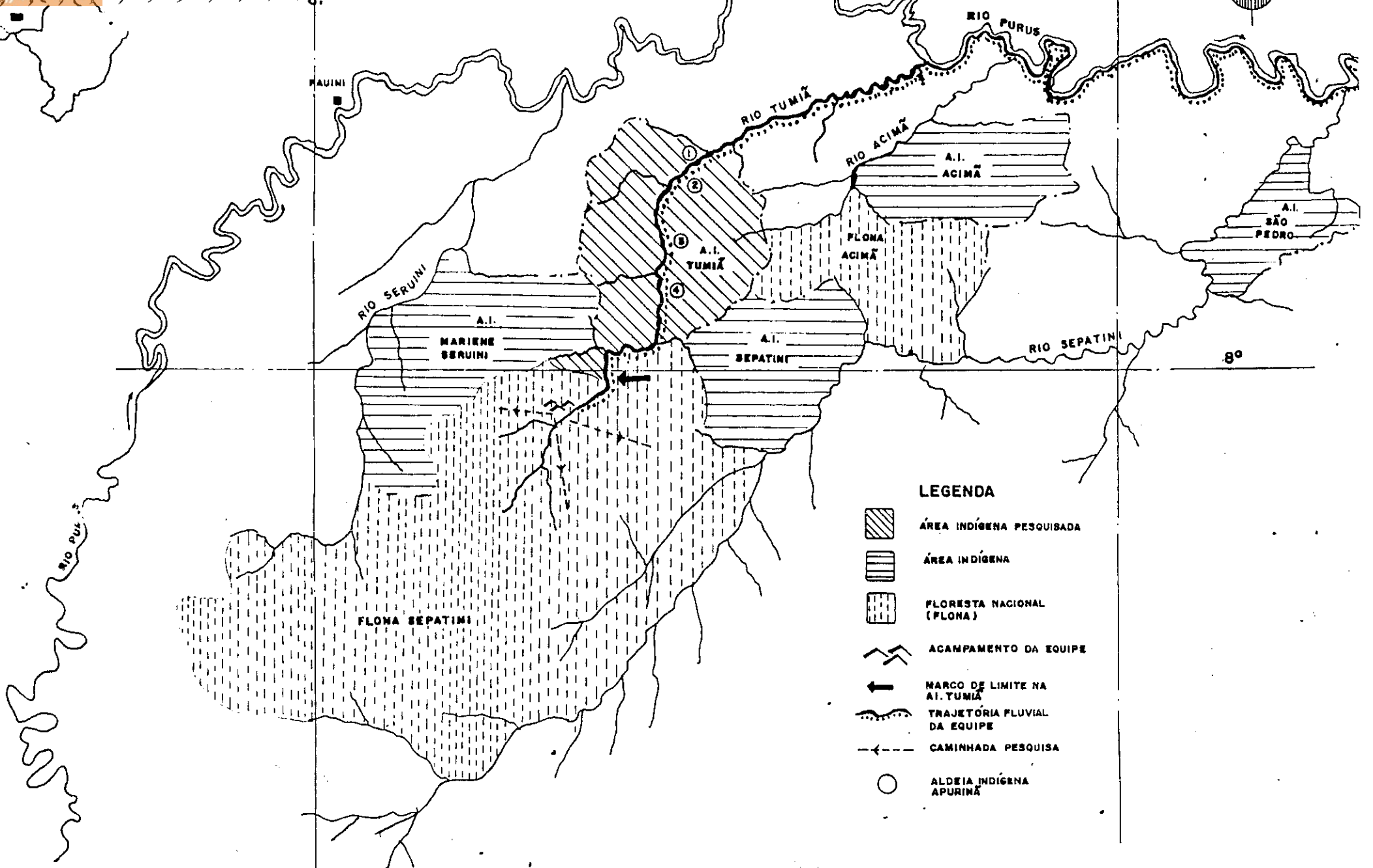
O estilo de desenvolvimento que se impôs historicamente no Brasil está calcado na exploração dos recursos naturais, sem propor políticas de manejo e gestão dos ecossistemas atingidos. A degradação dos recursos naturais leva ao desequilíbrio ambiental que se reflete na estrutura econômica e conseqüentemente no campo social.

As paisagens se modificam rapidamente com a construção das estradas de rodagem. São recorrentes as imagens da degradação ambiental bem como a deteriorização dos sistemas produtivos baseados na extrativismo vegetal. O avanço das frentes de expansão nacionais fica evidenciado com a presença da pesca predatória e retirada de madeira realizadas em escala industrial visando em vários casos a exportação.







Tendo como ponto de apoio a infra-estrutura criada com os trabalhos realizados nas "Frentes de Contato" no rio Purus, será possível garantir atuação efetivas nas áreas onde foram realizados levantamentos que indicam a necessidade de ações de caráter preservacionistas. A preservação dos recursos naturais é vital a sobrevivência dos grupos indígenas isolados.

A integridade física de grupos étnicos isolados depende de continuidade dos trabalhos que venham a criar um sistema de proteção e recuperação ambiental através da definição mais precisa da ocupação destas áreas um minuciosa identificação dos territórios de perambulação será possível montar as estratégias preservacionistas.

Para tanto é necessário uma adequação das equipes de campo que ao invés de ações limitadas a simples "vigilância" tenham condição de efetivar ações no âmbito da educação e conscientização das populações regionais.



LEGENDA

-  **ÁREA INDÍGENA PESQUISADA**
-  **ÁREA INDÍGENA**
-  **FLORESTA NACIONAL (FLONA)**
-  **ACAMPAMENTO DA EQUIPE**
-  **MARCO DE LIMITE NA AI. TUMIÁ**
-  **TRAJETÓRIA FLUVIAL DA EQUIPE**
-  **CAMINHADA PESQUISA**
-  **ALDEIA INDÍGENA APURINÁ**

BIBLIOGRAFIA

- CUNHA, Euclides da, A margem da Historia (Obra Completa),
VOL.I, Comp. Jose Aguilar Editora, Rio de Janeiro, 1966.
- FELIX, Rita de Cassia Souza. (Antropologa) Informacao
Nº.036/DFU/5*. SUER. FUNAI, Manaus, Amazonas, 1987.
- HERINGER, Ezequias Paulo Filho. (Antropolo) - Projeto -
Levantamento e Mapeamento dos Indios Isolados Autonomos
no Brail - Brasilia, 1988.
- HERINGER, Ezequias Paulo Filho. (Antropologo) - Projeto - Os
Indios Juma: Perspectivas de Sobrevivencia, Brasilia,
1990.
- KROEMER, Gunter, Cuxiuara o Purus dos Indigenas, Edicoes
Loyola, Sao Paulo, 1985.
- KROEMER, Gunter, A Caminho das Malocas Zuruaha, Edicoes
Loyola, Sao Paulo, 1989.
- LOUREIRO, Celso. (Antropologo) - Relatorio de Viagem a Area
Indigena Juma - GT 272/87 5*. SUER, Manaus, AM, 1987.
- MORAN, Emilio F., A Ecologia Humana das Populacoes da
Amazonia, Editora Vozes, 1990.
- NAVARRO, Olga Maria. (Sociologa) - Relatorio de Viagem a
Area Indigena Marima. de 1988 - FUNAI - 5*. SUER, Manaus,
Amazonas.
- NEVES, Walter A. (Organizador) Biologia e Ecologia Humana na
Amazonia, Avaliacao e Perspectiva - Colecao Eduardo
Galvao Museu E.G., Belem, Para, 1989.
- RIBEIRO, Darcy, Os Indios e a Civilizacao, Vozes,
Petropolis, 1977.



3. Atxu Marimã com dois integrantes da Frente de Contato



4. Idá Marimã, sobrevivente do grupo, vivendo com família ribeirinha.



1. Embarcação KUKARAN ("Velho Purus"), base móvel da Frente de Contato do rio Purus



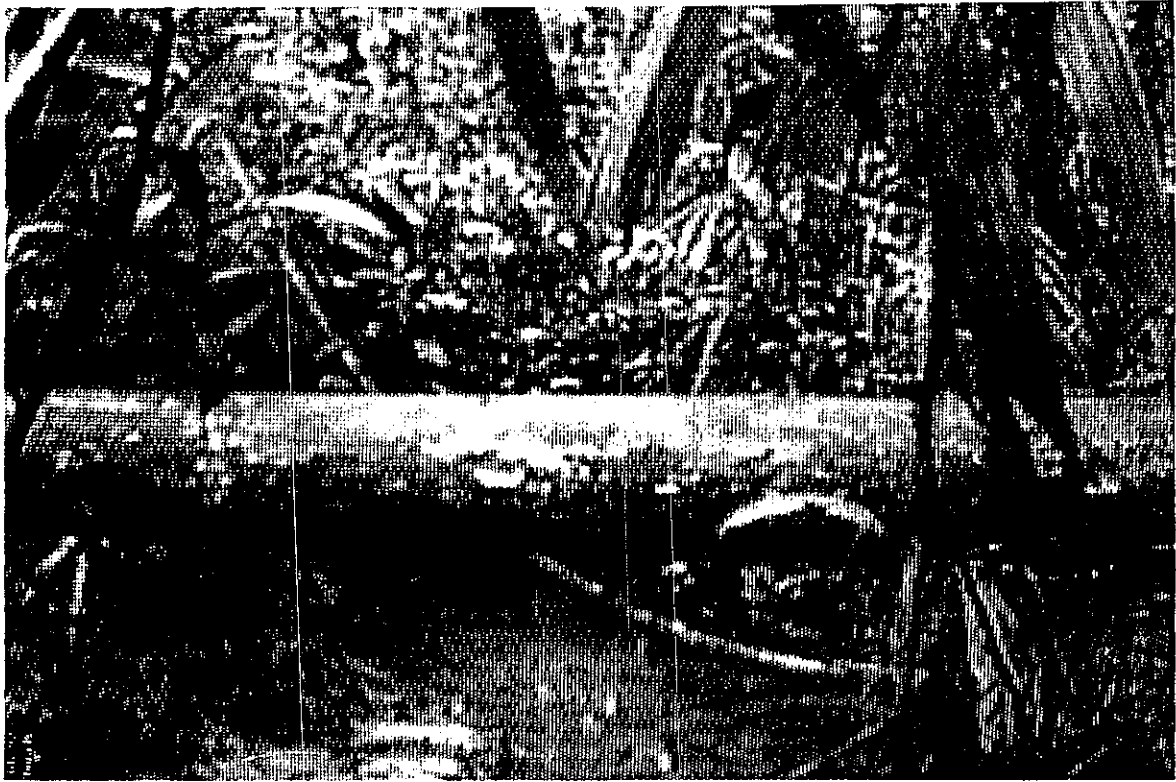
2. Equipe da Frente de Contato adentrando a área Marimã



7. Folhas da palmeira Jarina amarradas para servir de abrigo.



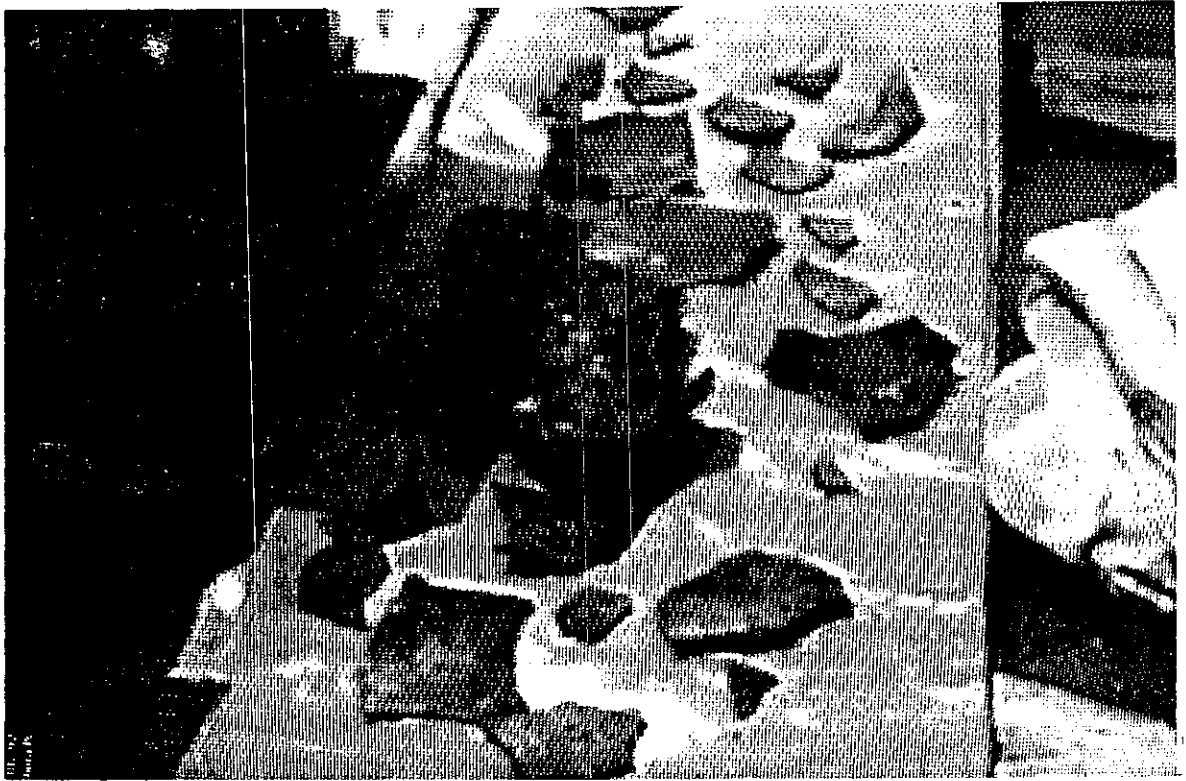
8. Arbusto quebrado pelos Marimã em trilha de perambulação



5. Árvore derrubada pelos Marimã para servir de ponte.



6. Vestígios de fogo feito pelos Marimã



9. Vaso de cerâmica encontrado na área Marimã



10. "Mutá" (apoio) de espera de caça



LEVANTAMENTO REALIZADO PELO DEPARTAMENTO
DE DOCUMENTAÇÃO - DOC/FUNAI



11. Placa de sinalização da FUNAI

